



07 de agosto de 2026

Editorial

A volta do mar

No século XV, os nossos navegadores foram descobrindo, à sua custa, que descer a costa de África era fácil e voltar era impossível. Os mesmos ventos que os tinham levado docemente para sul sopravam agora de frente, e quanto mais longe se chegava mais difícil seria regressar. A solução que encontraram foi largar a costa. Para voltar a Lisboa navegavam para oeste, para o oceano aberto, dias seguidos a afastarem-se de casa, até apanharem à latitude dos Açores os ventos que finalmente os empurravam para o Tejo. Chamaram-lhe a volta do mar.

E nada disto era coragem cega, que é o que a coisa parece vista de fora. Aquela manobra só é racional para quem tem dados, e os dados custaram sessenta anos a juntar, desde o Bojador em 1434, com pilotos a medir a altura do Sol, a corrigir os resultados por tábuas de declinação e a anotar ventos e correntes em roteiros que passavam de mão em mão. A Madeira e os Açores foram encontrados por gente que não andava à procura de ilhas. Andava à procura do caminho para casa.

A prova maior chegou a 3 de agosto de 1497, num dia de calendário parecido com este em que vos escrevo. Vasco da Gama largou Santiago de Cabo Verde e, em vez de seguir a costa como todos antes dele, virou para o largo. A armada passou três meses inteiros sem avistar terra, mais de seis mil quilómetros de mar aberto, a viagem mais longa em alto mar de que então havia memória, e foi aparecer do outro lado do oceano quase à latitude do Cabo. A expressão vem escrita no relato daquela viagem, com estas mesmas palavras, virámos em a volta do mar. Fizeram a maior travessia da sua história a navegar semanas a fio para o lado errado.

É esta a travessia que temos pela frente. Business as Usual é bolinar à vista da costa, com pequenas bordadas de eficiência e a tranquilidade de nunca perder a terra de vista. Business as Natural™ é largar a costa e aceitar mar aberto, sabendo que durante um bom bocado o destino vai parecer mais longe do que estava e as contas vão ficar piores antes de começarem a ficar melhores.

Nós não fazemos a volta por ninguém. Somos os que medem a altura do Sol, e o nosso ofício é dizer onde estão os ventos, quanto custa cada caminho, a partir de que ponto vale a pena perder a costa de vista e quanto tempo dura o mar aberto. Foi por isso que a notícia desta edição nos deu tanto gosto: a **Agência Nacional de Inovação reconheceu a idoneidade da NBI em matéria de investigação e desenvolvimento**, o que em bom português quer dizer que o Estado foi ver o nosso roteiro por dentro e concluiu que isto é investigação com todas as letras.

O primeiro roteiro nacional desta travessia está a ser escrito neste momento.

O Plano Nacional de Restauro da Natureza esteve em elaboração durante meses e aceita anotações até 19 de agosto, de quem quer que tenha alguma coisa para acrescentar. Foi assim que se fizeram os do século XV, com cada um a juntar ao caderno aquilo que tinha visto, e nenhum deles ficou bom por obra de um piloto só.

Porque a parte que mais me anima nesta história toda é que nenhuma daquelas pessoas sabia o que havia do outro lado do oceano. Sabiam onde estava o vento.
E isso chegou.

Bom verão, e boa volta.

Nuno Gaspar de Oliveira

Diretor Executivo, NBI



Selo de idoneidade

A NBI é agora oficialmente reconhecida como entidade idónea para a prática de Investigação e Desenvolvimento, atribuído pela AI² (Agência para a Investigação e Inovação), no domínio Água e Ambiente.

Este reconhecimento confirma, de forma oficial, a nossa competência técnica e científica no desenvolvimento de metodologias para a valorização do capital natural, biodiversidade e serviços dos ecossistemas. Traz também uma vantagem fiscal concreta a quem trabalha connosco: ao abrigo do SIFIDE II, as despesas com projetos de I&D contratados à NBI passam a ser elegíveis para dedução à coleta de IRC, com uma taxa base de 32,5%, podendo o benefício atingir 82,5%, com um período de reporte de 12 anos.

Loulé tem agora um Guia para investir em Natureza

Publicação conjunta da NBI e do Município de Loulé



Já está disponível o Guia de Investimento em Capital Natural do Concelho de Loulé, a 1.ª edição de uma publicação conjunta da NBI e do Município de Loulé que transforma a riqueza natural do território em oportunidades de investimento.

Loulé é o maior concelho do Algarve e um dos territórios mais ricos do país em biodiversidade. O Guia identifica sete *Nature Investment Hubs*, as áreas de maior concentração de valor natural do concelho: Nave do Barão, Águas Frias, Amendoeira, Fonte Benémola, Rocha da Pena, Serra de Loulé e Varejota. Para cada uma, caracterizamos os habitats, a biodiversidade e os serviços dos ecossistemas, e estimámos o seu valor económico.

O Guia traça ainda o caminho para quatro eixos de investimento, restauro ecológico, agricultura e gestão florestal, bioeconomia e turismo de Natureza, e dá a investidores, empresas e ao próprio município as bases para transformar estes ativos naturais em projetos concretos.

Descarregar o Guia



NBI em Bruxelas: a Radici em palco europeu

A NBI apresentou a webapp Radici em Bruxelas

Em junho a NBI esteve representada em Bruxelas na EU Green Week 2026. Um número repetiu-se em quase todas as sessões: por cada euro investido em incentivos positivos para a natureza, gastam-se cerca de 30 euros em subsídios que a degradam. A pressão para travar este financiamento negativo foi praticamente unânime.

Incentivada pela Horizon NUA a apresentar uma proposta a investidores, a NBI esteve representada por Flávia Canastra, Gestora de Ecossistemas na NBI, que fez um pitch sobre a [Radici](#), a nossa webapp, e o seu potencial de crescimento para outros países. O pitch foi selecionado pela organização para ser apresentado a um painel de investidores e teve uma receção muito positiva.

Do lado do financiamento misto, ficaram exemplos concretos a guardar: o Rabobank a oferecer crédito com juro reduzido a agricultores que melhoram indicadores de biodiversidade, o Triodos a financiar restauro fluvial no Reino Unido com taxas ligadas a desempenho ecológico, obrigações verdes a financiar gestão florestal sustentável na Finlândia. A mensagem comum foi gestão de risco, as empresas que integram natureza fazem-no porque reduz custos e protege cadeias de abastecimento.

Ficou também claro que não vai haver um standard global único para créditos de natureza, como existe para o carbono, porque a natureza é local demais para isso. E as organizações só investem quando há dependência direta de um ecossistema, ou um benefício concreto e mensurável.

É essa tradução, entre ecologia, regulação e decisão financeira, que continuamos a construir na NBI.

Conhecer a Radici

NBI em Vila Real: formação sobre Biodiversidade e Capital Natural

Formação integrada nas comemorações dos 25 anos do Alto Douro Vinhateiro



A NBI esteve presente na Escola Camilo Castelo Branco, em Vila Real, na ação de formação "25 Anos de Douro Património Mundial: Leitura da Paisagem e Sustentabilidade", que reuniu docentes do ensino básico e secundário de várias escolas da CIM Douro num olhar aprofundado e multidisciplinar sobre a região duriense.

A iniciativa, que assinala os 25 anos da classificação do Alto Douro Vinhateiro como Património Mundial, contou com a participação de Ana Cantante, que apresentou o trabalho da NBI na região do Douro, e de Beatriz Costa, que deu formação sobre Biodiversidade, Serviços de Ecossistemas e Capital Natural, e a sua ligação ao território duriense, abrindo caminho a futuras colaborações.

Ana T.

Artigo de opinião do Nuno, publicado no VER

Um dia sem água na torneira, sem pão na padaria, sem sombra na rua. Através de Ana T., uma menina que passa um dia a sentir a falta do que a Natureza lhe dá sempre sem custo, este artigo mostra como estamos, todos nós, feitos daquilo a que nunca soubemos pôr preço.

[Ler artigo completo](#)

Na Sauna da Mary

Artigo de opinião do Nuno, publicado no Jornal PT Green

Mais de 350 milhões de europeus viveram este verão temperaturas tropicais em pleno junho. Partindo da experiência mental do quarto de Mary e de A Peste de Camus, este artigo explora porque é que quem lê os mesmos números do calor extremo chega a conclusões opostas, e o que é preciso para sairmos, todos, da sauna em que nos fechámos.

[Ler artigo completo](#)

Europa in inferno vivit: Ou porque nada será como Dante(s)

Artigo de opinião do Nuno, publicado no LinkedIn, 3 de agosto de 2026



O verão de 2026 já ultrapassou os recordes de área ardida na Europa, com Espanha e França a bater números nunca vistos. Este artigo usa a estrutura do Inferno de Dante como espelho da crise que vivemos, do abandono agrícola à resposta política ao fogo, e o Purgatório como metáfora do caminho que ainda temos, adaptação e restauro, apoiados em instrumentos europeus já em vigor.

[Ler artigo completo](#)

Saudações naturais,



NUNO GASPAS DE OLIVEIRA

CEO, NBI – Natural Business Intelligence

NBI
Natural Business Intelligence



www.nbi.pt

Régia Douro Park 5000 – 033
Andrães, Vila Real, Portugal

© 2026 NBI - Todos os direitos reservados

[Cancelar Subscrição](#) | [Contacto](#)